

## Apresentação

O primeiro volume da coletânea *Lima Barreto na sala de aula: primeiros escritos* preocupa-se, principalmente, em mostrar diferentes maneiras de se abordar o autor em sala de aula, saindo da mesmice, propondo leituras inovadoras e instigantes de suas obras. No segundo volume – *Lima Barreto na sala de aula: questões raciais e de gênero* –, vemos um Lima Barreto que usa o texto literário como um grito ante aquela sociedade que mais se preocupava em ser do que ter no Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX.

Agora nos é dado a lume o terceiro livro da coletânea – *Lima Barreto na sala de aula: o centro, as margens e outros temas* – cujo objeto é, sobretudo, o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX, tanto em suas características centrais quanto nos seus arredores, e o povo que por lá circulava, sob as perspicazes lentes barretianas.

Este terceiro volume é composto por nove artigos. Nos seis primeiros, por meio de cruzados olhares históricos, sociológicos e linguísticos, deparamo-nos com textos que mergulham em obras daquele Lima Barreto que percebia o mundo de mudanças por que passava a então capital do Brasil naquele momento histórico. Havia marcas da entrada do país na então chamada modernidade apregoada pela República, após a libertação dos escravos, o fim do regime monárquico e a importante infiltração de valores europeus. Num período em que se ansiava pelo novo, negava-se o passado escravista e imperialista; derrubando tudo o que fosse memória, abriam-se grandes avenidas e erguiam-se imensas construções, transformando o Rio numa cidade a

ser vista. Além disso, o centro era supervalorizado, empurrando todo o mais para a margem.

Lima Barreto, cidadão mulato, alcoólatra, foi, como muitos, colocado à margem, e nessa cidade de mudanças produziu contundentes obras, mostrando as controvérsias existentes e as agruras daquele povo. Sevcenko (2003)<sup>1</sup> chamou de “sentimento de missão” a literatura queixa-protesto-manifesto produzida por Lima Barreto, que, animado por um dever utilitário de atuação pública e denúncia, aliado à inventividade da sua linguagem, presenteou-nos com seu envolvente fazer literário.

Os três últimos capítulos tomam obras do autor e apresentam sugestões de atividades didáticas a serem utilizadas por professores e público em geral para que possam mostrar um literato que foi muito mais que um autor de meio do caminho (pré-moderno), mas que enxergou a sociedade de uma forma intensa e reflexiva.

Assim, muito da obra de Lima Barreto foi revisitado aqui por meio de pesquisas de valiosos estudiosos, como se verá a seguir.

No Capítulo 1, “Os lugares da literatura: andanças de Lima Barreto pelo campo literário”, Fábio Elionar do Carmo Souza aborda a “condição supostamente inconciliável entre o caráter autônomo e o utilitário da literatura – buscando situar o modo como Lima Barreto se insere em tal questão”. Além disso, parte para uma reflexão entre uma possível “literatura militante” e o “destino da literatura”, questões bastante presentes em toda a obra do autor.

No Capítulo 2, “A *Belle Époque* carioca e seus oficiais margeamentos: segregações urbanas na obra de Lima Barreto”, André Carneiro Ramos busca refletir sobre os impactos por que passava a cidade e seu povo naquela época, apontando os antagonismos havidos entre a ideia de modernização e embelezamento da região central da cidade e a periferia descuidada e pobre por ela colocada de lado. Além disso, busca questionar a maneira como todas aquelas mudanças afetariam o ser carioca.

O Capítulo 3, de Patrick Silva dos Santos, “A alienação como estratégia para o controle social dos indesejáveis: reflexões sobre a ‘loucura’ no início do século XX a partir do entrelaçamento entre a biografia e a obra de Lima Barreto”, como sugere o título, centra-se em avaliar como a “loucura”, tanto do autor quanto de seu pai, influenciaram sua obra. Mostra o desconforto do autor diante daquele mundo de mudanças que se desenrolava à sua frente, fato que, possivelmente, o tenha levado a se consolar no álcool. Nesse sentido, Patrick Santos pontua, usando a voz do próprio autor: “as pessoas seriam arrastadas para seu consumo tanto pelo ‘vício, já pelo deses-

---

1 Sevcenko, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

pero da miséria em que vive graças à ganância, à falta de cavalheirismo e sentimento de solidariedade humana [...]”

O Capítulo 4, de Fábio Lucas da Cruz, “A instrução pública nas crônicas de Lima Barreto: restrições de acesso às escolas e desigualdade social durante a Primeira República”, mostra-nos as reflexões tecidas por Lima Barreto sobre a instrução pública no período da República oligárquica, de 1889 até sua morte. Demonstra-se, assim, a ineficiência do sistema público de educação decorrente da falta de correlação entre o que se ensinava nas unidades escolares e as necessidades da vida urbana, além da ausência de vagas para atender à população do subúrbio e às mulheres, às quais era destinado tão somente o Ensino Normal.

No Capítulo 5, “O subúrbio carioca por meio das crônicas de Lima Barreto”, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça foca sobretudo as crônicas “Feiras e mafuás”, “A biblioteca” e “Uma coisa puxa a outra... II” para mostrar o processo artificial e excludente daquela civilização e demonstrar que havia uma cidade caminhando na contramão de todo esse aparente progresso. Além dessas crônicas, faz uma releitura de “De Cascadura ao Granier” e “Os enterros de Inhaúma”, em que se vê aquele subúrbio instigante, carente, barulhento e “desorganizado”, contrário aos valores progressistas republicanos.

O Capítulo 6, “Lima Barreto e a República teatral: desassossegos em torno de um projeto sociocultural enfermo”, de Dirlenvalder do Nascimento Loyolla e Elizabete Barros de Sousa Lima, reflete sobre os textos barretianos que mostram suas preocupações acerca do saber e da arte, em especial do teatro, naquele país lotado de contradições. O capítulo mostra também que, para Lima Barreto, os brasileiros ilustrados e “intelectuais” de sua época pareciam interessar-se muito mais pelas “aparências (poder econômico, títulos) do que pela essência das coisas (espírito, inteligência)”, sublinhando o fato de que, em nosso país, seria mais interessante *fingir ser* que *realmente ser*. Por conseguinte, ataca escritores como João do Rio, Afrânio Peixoto, Coelho Neto e a Academia Brasileira de Letras, tendo sido voraz com estes últimos. Somado a isso, mostra que Lima Barreto deu voz aos menos “privilegiados”, aos marginalizados, em especial, aos negros e pobres.

Já os Capítulos 7, 8 e 9, diferentemente dos demais, como já mencionado, sugerem, muito adequadamente, propostas de trabalhos didáticos, atividades para serem realizadas em sala de aula, caminhando muito além do que se costuma fazer, apresentando Lima Barreto como simples autor do Pré-Modernismo, sem que seja revelado ao alunado a profundidade crítica constante em seus escritos.

Assim, no Capítulo 7, “A nova Califórnia: uma proposta de roteiro de leitura”, Ernani Terra discute o conto “A nova Califórnia” e afirma que é um “conto de crítica social, feito com toques de humor macabro, aproximando-se dos contos de terror”,

propondo um roteiro de leitura a professores e público em geral que visa a auxiliar leitores na e para a construção de sentidos do texto.

No Capítulo 8, “A poética de resistência na voz de Lima Barreto: proposta para leitura na escola”, de Kayla Pacheco Nunes, Raniere Nunes da Silva e Rute da Silva Santos, é analisada, sobretudo, a voz de Lima Barreto como grito de resistência, sublinhando a importância de se formar leitores competentes, aptos a estarem e agirem no mundo de forma ética, crítica e participativa, comungando com o que preconizam as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para tal, foram selecionados “do DCT habilidades e respectivos objetos de conhecimento que direcionem o aluno a uma leitura situada, entonada, crítica, reflexiva e dialogada”.

O Capítulo 9, “Lendo a cidade republicana: povo e polícia em Lima Barreto”, de Valéria da Silva Medeiros e Eliana Lucia Madureira Yunes, além de destacar fazeres didáticos da obra barretiana, destaca o cortiço e a polícia como elementos presentes em sua obra, visitando a crônica “A polícia suburbana”, publicada no jornal carioca *Correio da Noite* em 28 de dezembro de 1914. Também encontra-se presente em um roteiro de atividades da Formação Continuada em Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, para a 2ª série no 4º bimestre de 2013. Finalizando, as autoras tecem uma série de questionamentos, para aguçarem a reflexão e a crítica dos alunos em sala de aula, em relação às crônicas “A volta”, “A maçã” e “A lei”.

Como se pôde perceber, o terceiro volume da coletânea *Lima Barreto em sala de aula: o centro, as margens e outros temas* traz um vigoroso retrato do que era a então capital do Brasil no final do século XIX e início de XX, sob a perspectiva de Lima Barreto. Para além de questões regionais, este volume destaca, na obra do autor, o antagonismo de uma sociedade que rejeitava valores de nossas raízes e adotava jeitos e trejeitos europeus; que rechaçava o pobre e o negro, afastando-os do centro, valorizando, contudo, títulos, ricos e sábios, que nem sempre sapiência tinham.

Nessa obra, vê-se renascida a figura de Lima Barreto, seus caminharres pela então capital do país e seu olhar aguçado sobre aquele momento histórico, deixando claro também o papel da literatura como instrumento político que, para além da construção de saberes estéticos, deve contribuir na e para a formação de leitores críticos e cidadãos conscientes de seu papel.

Márcia Antonia Guedes Molina